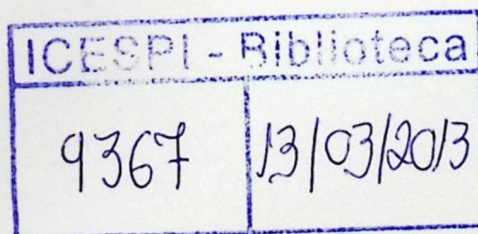


INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
ICESPI

CLEONILSON OLIVEIRA ALVES

OS JOGOS DE LINGUAGEM DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*
DE WITTGENSTEIN

Cod 4097
C100
A4748



TERESINA

2012

Trabalhos de Conclusão de Curso - Filosofia
ICESPI - Trabalhos Monográficos
Filosofia - Monografias Academicas

CLEONILSON OLIVEIRA ALVES

OS JOGOS DE LINGUAGEM DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS* DE
WITTGENSTEIN

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC apresentado
ao Curso de Filosofia, como requisito à obtenção
do título de Licenciatura Plena em Filosofia, do
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí -
ICESPI, na área de Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Padre Wellistony Carvalho
Viana

TERESINA

2012

CLEONILSON OLIVEIRA ALVES

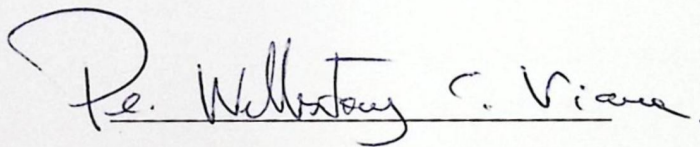
**OS JOGOS DE LINGUAGEM DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS* DE
WITTGENSTEIN**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ-ICESPI

Curso de Licenciatura Plena em Filosofia

Data de aprovação: ____ de ____ de 20 ____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

Orientador

Nome do Examinador (a)

Nome do Examinador (a)

Agradeço em primeiro lugar a Deus, a Diocese de Bom Jesus do Gurguéia na pessoa de Dom Ramón Lopes Carrozas. Aos meus pais que foram meus primeiros educadores na escola da vida, aos meus primeiros professores e professoras por terem visto naquele simples menino sinais de progresso nos estudos e pelos quais me motivaram e aos familiares e amigos que acreditam que posso ir um pouco além dos meus limites. Sou grato de modo especial ao Professor Padre Wellistony Viana cuja dedicação nas orientações deste trabalho, pela sua paciência e pelo estímulo, pois este motiva pelo exemplo. Ao Professor Gerson Albuquerque pelo ombro amigo e pelo estímulo aos estudos e à Professora Marly Gondin que foi grande motivadora. Nas pessoas destes agradeço a todos os demais professores com quem convivi durante estes três últimos anos.

Além disso, a linguagem é o meio em que se realiza o acordo de interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão.

Hans – Georg Gadamer

RESUMO

ALVES, Cleonilson Oliveira. *Os jogos de linguagem das Investigações filosóficas de Wittgenstein*. Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, 49.f. 2012. Curso de Licenciatura Plena em Filosofia. ICESPI. Teresina, 2012.

O objetivo deste trabalho é discorrer sobre os *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas* de Wittgenstein. Considerando que os *jogos de linguagem* formam o núcleo central desta obra, faz-se mister elucidar que os jogos linguísticos caracterizam-se pelo rompimento com toda uma tradição filosófica. Este trabalho desenvolve-se em três distintos momentos. Primeiro analisa-se a primeira filosofia de Wittgenstein e suas teses, já que sua segunda filosofia caracteriza-se pelo rompimento com o método especulativo da primeira; em seguida mostrar-se o conceito de *jogos de linguagem* nas *Investigações* e demonstrar-se as principais teses que foram alvos de ataque dos *jogos de linguagem*. Por fim, analisa a questão dos Direitos Humanos Universais nos *jogos de linguagem*, isso considerando que nas *Investigações filosóficas* o filósofo desconsidera a concepção de uma linguagem universal.

Palavras chaves: Wittgenstein; Investigações filosóficas; jogos de linguagem; pragmática.

ABSTRACT

ALVES, Cleonilson Oliveira. The language games of Wittgenstein's Philosophical Investigations. Course Conclusion Work-TCC, 49.f. 2012. Full Degree Course in Philosophy. ICESPI. Teresina, 2012.

The purpose of this paper is discussing the *language games* of Wittgenstein's Philosophical Investigations. Considering that language games form the core of this work, it is necessary to show that language games are characterized by the disruption with a whole philosophical tradition. This work is developed in three distinct parts. First, we analyze the first Wittgenstein's philosophy and theses, since their second philosophy breakup with the speculative method of the first; and then, explain the concept of *language games* in the Investigations, showing the main theses that were targets of attack of language games. Finally, consider the question of Universal Human Rights in language games, whereas in the Philosophical Investigations the philosopher disregards the concept of a universal language.

Key Words: Wittgenstein, Philosophical Investigations, language games; pragmatic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPITULO I

LUDWIG JOSEF JOHANN WITTGENSTEIN E O SEU CONTEXTO FILOSÓFICO CIRCUNDANTE.....	11
---	----

1.1 Das influências de Russell, Frege e Moore.....	11
--	----

1.2 O círculo de Viena.	13
------------------------------	----

1.3 A filosofia analítica e as <i>Investigações filosóficas</i> do segundo Wittgenstein.....	16
--	----

CAPITULO II

LUDWIG WITTGENSTEIN: <i>INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS</i> . JOGOS DE LINGUAGEM.....	22
---	----

2.1 O conceito de jogo de linguagem <i>nas investigações filosóficas</i>	22
---	----

2.2 Ataqueevisão agostiniana da linguagem.....	24
--	----

2.3 A crítica ao ideal de determinabilidade do sentido presente no <i>Tractatus</i> e em frege.....	27
---	----

2.4 A insuficiência da lógica e a função dos jogos de linguagem.	32
---	----

CAPITULO III

OS DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS E OS JOGOS DE LINGUAGEM.....	34
--	-----------

3.1 Relativismo e “absolutismo” na perspectiva pluricultural dos <i>jogos de linguagem</i>	34
--	----

3.2. Abordagem ética dos direitos humanos universais nos <i>jogos de linguagem</i>	39
--	----

3.3 Conclusões dos direitos humanos nos <i>jogos de linguagem</i>	43
---	----

CONCLUSÃO.....	45
-----------------------	-----------

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	47
--------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho delimita-se nos *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein, para ressaltar que os *jogos linguísticos* ou *jogos de linguagem* como define o autor das *Investigações* tem sido de grande relevância na filosofia da linguagem. A primeira importância deste tema nos estudos da filosofia da linguagem é que se especula a linguagem em suas múltiplas e variadas vertentes, e segundo que, ignora-se o método de análise lógico e metafísico da linguagem, e adere-se ao método pragmático e ao uso da palavra em variados contextos. Com isso, o trabalho desenvolve-se primordialmente na especulação da segunda parte das *Investigações* e ressaltando com frequência teses do *Tractatus*, como de alguns comentadores de expressão relevante na análise especulativa do tema abordado.

O método no qual se desenvolve o trabalho é analítico-dialético pela razão de que o caminho trilhado no trabalho dá-se pelo diálogo com outras teses sobre a análise da linguagem, de outro modo, é mister afirmar que a dialética é o método pelo qual Wittgenstein compôs as *Investigações*, sendo importante a permanência deste no corrente trabalho. Quanto à relevância deste tema, define-se, sobretudo pelos seus efeitos na filosofia ocidental, pois o conceito de *jogo de linguagem* ressaltado por Wittgenstein acentua que o sentido da palavra depende do seu uso e do seu contexto.

Faz-se mister ressaltar que para compreender a segunda filosofia de Wittgenstein e os *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas*, em princípio, deve analisar o contexto filosófico circundante em que viveu o filósofo, o que não significa propriamente uma especulação de sua vida, mas uma especulação do conteúdo filosófico, ou, de seu pensamento para melhor compreender os *jogos de linguagem*. E assim, sublinhar que o conteúdo das *Investigações filosóficas* choca-se com uma tradição de 2500 de filosofia, e como o *jogo de linguagem* é a esse central desta obra, então resta-nos buscar o conceito, a definição e indagar

qual a finalidade dos *jogos de linguagem*? A busca do conceito e da definição do jogo não é permitida por Wittgenstein, ao invés da essência busca-se o uso dos *jogos de linguagem*. A atitude metafísica e lógica é substituída pela atitude prática e com isso considera-se o fim do primado da lógica e da metafísica porque, para o autor das *Investigações*, a linguagem não deve ser unificada como uma única estrutura lógica e formal como afirmara no *Tractatus*. Deste modo não existe nem mesmo um jogo único de linguagem, mas múltiplos e variados *jogos de linguagem*.

Nesta pesquisa resta-se especular que as pesquisas wittgensteinianas sobre a análise da linguagem caracterizam-se primordialmente pelo rompimento não somente com o *Tractatus*, mas com outros pilares da filosofia. Também se analisa que para os *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein existem alguns predicamentos epistemológicos que nos ditames filosóficos parece difícil especular em base empírica, e pragmática. Assim, parece que embora Wittgenstein tenha exorcizado teses nunca antes levantadas nas *Investigações*, percebe-se que questões que ele mesmo levantara ainda é um problema para os *jogos de linguagem*, como por exemplo, a questão da ética no *Tractatus*, e que neste trabalho é elevada ao problema dos Direitos Humanos Universais nos *jogos de linguagem*.

Com essas considerações, parece esclarecida ao leitor a temática deste trabalho e o que se busca elucidar acerca dos *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas* de Wittgenstein. Considerando-se aqui as causas, os efeitos, a obscuridade e as limitações da segunda filosofia wittgensteiniana.

CAPITULO I

1. LUDWIG JOSEF JOHANN WITTGENSTEIN E O SEU CONTEXTO FILOSÓFICO CIRCUNDANTE

O fato de Ludwig Wittgenstein ter produzido duas filosofias distintas, ambas possuindo o mesmo objeto de estudo que é a linguagem. Ora, a primeira tomava como ponto de partida a análise lógica da linguagem própria do *Tractatus Lógico-Philosophicus*, enquanto que a outra versava sobre o exame da nossa linguagem do dia a dia, ou linguagem ordinária. Ocorrência é que na sua filosofia das *Investigações filosóficas* tem se como meta desmascarar a sua primeira concepção de linguagem, presente no *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Com isso, faz-se mister entender quais os elementos que influenciaram em sua primeira filosofia, as influências desta sua filosofia e o rompimento do filósofo com esta filosofia a partir das *Investigações filosóficas*, partindo para outra concepção metodológica da análise da linguagem, ou seja, uma compreensão do contexto filosófico circundante de Wittgenstein.

1.1 DAS INFLUÊNCIAS DE RUSSELL, FREGE E MOORE

Ludwig Josef Johann Wittgenstein nasceu em Viena, a 26 de abril de 1889 e morreu em 29 de abril de 1951. O citado filósofo deixa-nos um legado filosófico, cujas obras mais conhecida são o *Tractatus Lógico-Philosophicus* e as *Investigações Filosóficas*, sendo esta considerada obra póstuma devida ter sido publicada após a morte do autor. Nas duas obras citadas, Wittgenstein elabora duas filosofias distintas, embora ambas tenham algo em comum que é o objeto de estudo, por esta razão alguns estudiosos consideram o filósofo, por suas distintas posições filosóficas nas obras citadas, como: o primeiro e o segundo

Wittgenstein. No presente capítulo analisa-se o contexto de ambas as filosofias, com suas comparações e relações, mas aqui, demarca-se como objeto de estudo os *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas* na segunda concepção filosófica deste pensador.

Com isso, faz-se mister enfatizar que para fazermos um estudo aprofundado da segunda filosofia wittgensteiniana a partir das *Investigações filosóficas* e os seus jogos linguísticos ou *jogos de linguagem*, somos convidados de modo sintético e hermenêutico a retroceder um pouco no tempo, e com isso ressaltarmos importantes antecedentes filosóficos relacionados a esta mencionada filosofia. O certo é que tais antecedentes podem ser considerados como contexto filosófico determinante para o pensamento de Wittgenstein e no qual este tornou-se um dos filósofos de respeitável apreço por sua contribuição filosófica na filosofia da linguagem. Neste retrocesso ao tempo, e com realce a origem da filosofia da linguagem pode elucidar-se que a origem da mesma fundamenta-se com as doutrinas de Russell e Moore, o primeiro associado à nova lógica, por ele transformada em poderoso instrumento de análise filosófica. E não menos importante historicamente falando, foi G. E. Moore que escreveu importante tratado sobre a ética o *Principia Ethica* (1903), e com este se opôs inexoravelmente a todas as formas de especulação metafísica que parecesse subverter as verdades estabelecidas do senso comum. E certamente, ambos os filósofos dedicaram-se à demolição do idealismo britânico, como também buscando uma teoria da estrutura da linguagem que mostrasse precisamente o que podia ser dito, e o que não podia ser dito:

A primeira teoria desse tipo foi o atomismo lógico, pronunciado por Russell e expresso de modo mais ou menos completo por Wittgenstein, em seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). Sendo que, esta pretendia responder de forma definitiva as questões da filosofia. Ao escrevê-la, Wittgenstein inspirou-se em parte, na famosa teoria das descrições, proposta por Russell e publicada num artigo que F.P Ramsey (1903-1930) descreveu como paradigma de filosofia. (SCRUTON, 1982, p. 270).

Com isso, pode-se ressaltar o quanto os pensamentos filosóficos antecedentes ao *Tractatus* foram influentes no pensamento do primeiro Wittgenstein. No que se refere à sua primeira filosofia, precisamente deve-se considerar a influencia de Russell e Frege cujos traços filosóficos são perceptíveis no *Tractatus*, segundo Audi: “os dois tiveram influencias profunda e duradoura sobre Wittgenstein, mesmo que mais tarde ele tenha criticado e rejeitado suas idéias”. (2006, p.997). Quanto às junções e disjunções com estes filósofos pode-se perceber nos próximos capítulos. E juntamente com as teses do *Tractatus* importantes eventos intelectuais foram decisórios nas instalações de uma filosofia voltada para a análise

da linguagem, da ciência e do mundo. E estes movimentos instalaram suas bases não somente para o desenvolvimento filosófico, mas contribuíram na elaboração de duas posições filosóficas explicitamente distintas no pensamento wittgensteiniano, como se pode conferir nas obras citadas. Nos dias hodiernos é relevante afirmar que a linguagem é um tema por excelência da filosofia contemporânea. Desse modo, poderíamos elencar uma vasta gama de filósofos da linguagem com variadas concepções acerca da mesma, mas percebe-se que embora a linguagem tenha sido objeto de estudo desde os primórdios da filosofia, também raros foram os momentos que esta tenha sido preocupação de estudos filosóficos e linguísticos; “Até o século XIX, a linguagem foi praticamente ignorada, uma vez que seu papel era confundido com o papel de *logos*, de ideias na mente, de *cogito*”, segundo afirma, ARAUJO, (2004, p.10). Em meados do século XIX o estudo e a discussão sobre a linguagem surgem primordialmente a cerca de sua origem:

As duas soluções típicas são dois modos de garantir a intersubjetividade dos signos lingüísticos. Dizer que a linguagem tem origem em convenções significa simplesmente que essa intersubjetividade é fruto de um acordo, de um contrato entre os homens, e dizer que a linguagem se origina da natureza significa simplesmente que essa intersubjetividade é garantida pela relação entre o signo lingüístico e a coisa ou com o estado subjetivo a que ele se refere. (ABBAGNANO, 2000, p. 615).

Partindo destas teses convencionalistas e naturalistas sobre a origem da linguagem, nos dias hodiernos essa reflexão não é o núcleo de estudo na filosofia da linguagem, mas umas das muitas questões, e alguns dos grandes problemas da filosofia da linguagem têm gerado inúmeras discussões e correntes de pensamento a cerca da propria analise da linguagem.

1.2 O CÍRCULO DE VIENA

Sabe-se que a reflexão sobre o método científico teve um impulso decisivo entre as duas grandes guerras mundiais. Onde o núcleo de estudos da filosofia foi a Universidade de Viena, onde em meados do século XIX, um grupo de cientistas-filósofos juntamente com Moritz Schlick deu vida ao círculo de Viena (Wiener Kreis), e também adquiriu a

denominação de neopositivismo ou positivismo lógico. O fato é que ali, propôs-se a leitura e discussão do *Tractatus Lógico-Philosophicus*, de Wittgenstein. Com isso, alguns estudiosos afirmam ser Wittgenstein o pai do neopositivismo, embora este nunca tenha participado das sessões de encontros do Wiener Kreis em que tinham como base de estudo o *Tractatus Lógico-Philosophicus*, como se relata que, após terem lido, relido e discutido sobre esta obra os neopositivistas:

Aceitaram a sua antimetafísica, retornaram a teoria da tautologicidade das asserções lógicas, interpretaram as proposições atômicas como protocolos das ciências empíricas e assumiram a sua idéia de que a filosofia é atividade clarificadora da linguagem e não doutrina. (REALE, 2007, p. 661).

Assim, os neopositivistas tiveram por base não somente uma atitude antimetafísica e a análise lógica da linguagem em si, mas também como núcleo básico, o princípio de verificação como fundamento de suas teses. Este princípio estipulava que o significado de uma proposição era o modo de sua verificação, de modo que essa concepção de significado permitia excluir todas as asserções que não podiam ser falsificadas nem falseadas pela experiência por carecerem de significado. O certo é que, dentre as teses apresentadas pelo Circulo de Viena esta a tese de que a metafísica juntamente com a ética e a religião, não sendo constituídas por conceitos e proposições factuais verificáveis, são um conjunto de questões aparentes que se baseiam em falsos conceitos. Assim, com o empréstimo de suas teses a os neopositivistas, pode-se ressaltar este o motivo do *Tractatus lógico-philosophicus* ter sido o núcleo de estudo dos neopositivistas. Com isso, assim alguns estudiosos preferem considerar Wittgenstein o idealizador do Wiener Kreis, mas percebe-se que as intenções dos neopositivistas e do autor do *Tractatus* foram diversas, de forma que segundo afirma:

Toda uma geração de alunos considerou Wittgenstein positivista, já que ele tinha em comum com os neopositivistas algo de enorme importância: ele traçara uma linha de separação entre aquilo de que se pode falar e aquilo que se deve falar e aquilo que se deve calar, coisa que os neopositivistas também haviam feito. A diferença esta apenas no fato de que eles não tinham nada o que calar. Engelmann (apud REALE, 2007, p. 662).

O núcleo do pensamento positivista é que tudo o que podemos falar é tudo o que conta na vida, ou seja, tudo o que se pensa deve-se expressar no ato de falar, já Wittgenstein

sustentou decididamente que tudo o que conta na vida humana é precisamente aquilo sobre o qual, no seu modo de ver, devemos nos silenciar. Não seria uma afirmação correta afirmar que, de certa forma o *Tractatus* deu uma grande contribuição para o pensamento neopositivista como para a própria análise lógica da filosofia da linguagem, como principalmente nas teses do paralelismo entre linguagem e realidade, “3.02.o que é pensável é também dizível”. A partir daí, na concepção de Wittgenstein não se deve falar o indizível, mas que a linguagem enquanto limite do mundo é a totalidade dos fatos perceptíveis e a verdade consiste na concordância com a realidade, na proposição 3.032, como afirma:

Representar na linguagem algo que “contrarie as leis lógicas” é tão pouco possível como representar, na geometria, por meio de suas coordenadas, uma figura que contrarie as leis do espaço; ou, então, dar as coordenadas de um ponto inexistente. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 35).

Dessa forma, para alguns estudiosos, com o *Tractatus* de Wittgenstein inaugura-se o cume da linguagem e da lógica formal, e os neopositivistas enriquecem a tese verificacionista privilegiando a linguagem científica sobre todas as outras e o critério de significação com a verificação experimental de sua tese central, como já visto. Podemos definir persuadidamente que a citada obra tenha sido causa de grande impacto filosófico porque como afirmara seu autor de que: “(...) aquilo que eu não escrevi. E precisamente essa segunda parte é a mais importante (...)”. (*Cartas a Ludwig Von Ficker*, 1969, apud REALE, 2007, p.661). Nesses termos, quando demarcou a linha de fronteira sobre o que estava explícito no *Tractatus*, e exigindo silêncio sobre o que não estava escrito, este não pode dizer que deve haver silêncio científico. Contudo, é perceptível que esta obra exerceu grande influência no Círculo de Viena, dando a seus estudiosos o conhecimento sobre a nova lógica e possibilitando a estes incorporá-la a uma interpretação empírica dos fundamentos do conhecimento, embora ainda hoje permaneça obscura. Para alguns comentadores como, Araujo e outros, o século XX foi o século da lógica e da linguagem, por este motivo, o *Tractatus* como núcleo de estudo naquelas circunstâncias foi considerado por alguns estudiosos como à bíblia dos neopositivistas.

1.3 A FILOSOFIA ANALÍTICA E AS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DO SEGUNDO WITTGENSTEIN

Embora apresentando certa dificuldade para distinção de ambas as linhas de pensamento de Wittgenstein, afirma-se que no coração do Circulo de Viena tenha-se dado início á filosofia analítica. O certo é que esta se desenvolveu em dois centros, Cambridge e Oxford, ou *Cambridge-Oxford Philosophy*. Entre os analistas nem todos ingleses, mas de língua inglesa, e com relação a este movimento não há um núcleo de estudos, ou corpo unitário de doutrina, de outro modo podemos dizer que não houve concordância entre os resultados obtidos como o caso dos neopositivistas.

Podemos afirmar que o ponto privilegiado e comum ás duas correntes de pensamento do autor do *Tractatus* e das *Investigações* é a linguagem, por condição de definição e sua estrutura fundamental, mas faz-se necessário elencar os pontos que diferem extremamente ambas as correntes, para ratificar:

Enquanto os neopositivistas reservam seu interesse para a linguagem da ciência, que seria a única verdadeiramente correta e significativa e, portanto, se propõem reduzir a esta linguagem todas as outras dotadas de sentido, entendendo a filosofia em sua parte positiva como uma metodologia da ciência. Já os analistas inspirando se no ensinamento do ultimo Wittgenstein, consideram que não existe apenas um modelo lingüístico capaz de oferecer a única representação sensata do real, mas que devem ser submetidas a análises as diferentes formas lingüísticas, como elas aparecem-nos vários contextos do falar comum. (ROVIGHII, 1999, p. 506).

Na esteira do pensamento do “segundo” Wittgenstein, o princípio de verificação proposto pelo Circulo de Viena, ou seja, da tese central dos positivistas lógicos é substituído na filosofia analítica pelo chamado principio de “uso”. Podemos perceber que não existe um uso privilegiado da linguagem, de forma que não se chega a uma sistematização global, completa e definida, mas a linguagem em sua peculiaridade deve ser investigada, analisada e controlada segundo a sua própria regra. E assim, do mesmo modo como Wittgenstein influenciou no movimento analítico inglês, também muitos outros deram continuidade a este, alguns a partir das teses wittgensteinianas, outros em objeção. Embora seja necessário enfatizar que, em Cambridge, Wittgenstein, Russell, Moore e outros, apesar das diversidades

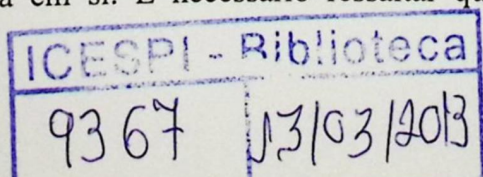
de pensamento todos sustentaram que a filosofia é análise e clarificação da linguagem e do pensamento.

O *Tractatus Lógico-Philosophicus* cuja tese identifica-se na análise lógica de proposições filosóficas e científicas e como o único meio efetivo para resolver os problemas epistemológicos tradicionais, e com sua influência, desenvolveram-se várias teses como: o logicismo, intuicionismo, e formalismo. Ora, após a publicação do *Tractatus* o autor faz certa pausa em relação à elaboração de um novo pensamento filosófico e ao retomar em 1936, vamos perceber que o segundo Wittgenstein abandona as teorias que ele mesmo criara antes das *Investigações*, porque segundo este o *Tractatus* é insuficiente para explicar e resolver os problemas da linguagem. E é exatamente com nas *Investigações filosóficas* que o citado filósofo repudia os cânones do neopositivismo e edifica a filosofia da linguagem com novas bases, ou seja, com as teses do *uso* e dos infinitos jogos linguísticos, ou, jogos de linguagem, sendo que esta última é o núcleo de toda reviravolta linguístico-pragmática da filosofia lingüística. Para argumentar:

Wolfgang Stegmüller ter razão quando fala em duas filosofias de Wittgenstein. Sem duvidas a problemática é a mesma. No entanto, a perspectiva segundo a qual essa problemática é considerada muda radicalmente na segunda fase do pensamento de Wittgenstein, de tal modo que não se pode considerar esta fase como um desenvolvimento linear da primeira. (OLIVEIRA, 2006, p. 117).

Com os infinitos jogos de linguagem das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein a filosofia da linguagem inaugura uma nova era. Constata-se que, o que o filósofo tratara no *Tractatus* como a verdade das proposições é determinante para a comprovação dos fatos, nas *Investigações filosóficas* não são as estruturas lógicas da linguagem em conformidade com a realidade que determinam as verdades dos fatos, mas o uso da linguagem em seu contexto lingüístico pragmático.

Como explicitado, percebe-se que toda linha de pensamento filosófico tem o propósito de enriquecê-la, quando se der continuidade à mesma. Ou refutá-la quando é considerada insuficiente, e por ineditismo, no momento em algo novo vem à tona, sendo satisfatoriamente perfeita em relação à outra. O certo é que, em ambos os casos isso é um enriquecimento da filosofia em si. É necessário ressaltar que a elaboração do *Tractatus*



Lógico-Philosophicus surgiu a partir de um contexto filosófico decisivo para Wittgenstein, cuja meta foi elaborar um sistema de argumentação filosófica que enunciasses claramente a estrutura lógica do mundo, e tornando-se assim, um objeto de estudo marcante e enriquecedor para o pensamento neopositivista, ou positivismo lógico. Enquanto que nas *Investigações filosóficas* o filósofo toma uma posição radical em relação uma vasta tradição filosófica, de modo que, até mesmo o *Tractatus* torna-se um alvo principal de rejeição no segundo Wittgenstein, que este a denomina como “insatisfatória” para resolver os problemas da linguagem.

Em síntese, pode afirmar-se, que a ênfase da filosofia wittgensteiniana é decididamente antropocêntrica, e seu ponto de partida, não são as imutáveis abstrações de um ideal lógico, “Wittgenstein desistiu da idéia de que os elementos últimos da linguagem eram nomes que designavam objetos simples e complexos não era absoluto variando de acordo com o contexto” (KENNY, 1999). Assim, o eixo de especulação filosófica são os esforços infalíveis da comunicação humana como será elucidado no capítulo posterior.

Aqui, parafraseia-se com a descrição da “pesquisa filosófica” que é o núcleo da filosofia do pensamento do segundo Wittgenstein, as *Investigações filosóficas* (*Philosophische Untersuchungen*, 1953). Trata-se da *summa* da segunda filosofia de Wittgenstein, assim como o *Tractatus* constitui a *summa* de sua primeira filosofia. O que se tem, evitado na sua segunda obra são as afirmações sibilinas que caracterizam a primeira, ou seja, as afirmações de que, as investigações são de difícil compreensão. Sua prosa é clara e não é técnica, embora o fato de sua filosofia chocar-se contra 2.500 nos de filosofia. No entanto, torna-se difícil sua compreensão devido a quatro fatores, no primeiro, o estilo aforístico e amiúde irônico, de outro modo, a elucidação de suas elucidações repetidas vezes. No segundo, o claro contraste com o *Tractatus*, sendo que nesta última Wittgenstein tem um intenso diálogo com um interlocutor, cujas confusões este tenta resolver. No terceiro, a obra não segue uma estrutura linear, além de não haver capítulos formalmente e por explorar um vasto domínio de pensamento em todas as direções, e por fim, no quarto e último lugar, as investigações raramente indicam seus alvos de ataque. Em paráfrase com Glock, (1998, p. 222).

Nas *Investigações filosóficas*, embora o autor abranja uma variedade de temas, segundo o dito Glock, Wittgenstein buscou exorcizar concepções filosóficas que ninguém antes, tinha sustentado. É exatamente com o *uso* da língua e os jogos de linguagem que ao definir a linguagem como um fenômeno complexo, esta pode se analisada em seu contexto

pragmático com os próprios usos e jogos linguísticos. “Nas *Investigações*, Wittgenstein utiliza jogos de linguagem para desmascarar a doutrina tractariana dos “simples” e o método de análise empregado nesta obra.” (GLOCK, 1998, p. 227). A questão da origem e utilização dos jogos de linguagem consiste propriamente em analogias, segundo afirmam alguns estudiosos, a partir de 1930, Wittgenstein passa comparar sistemas axiomáticos a jogos de xadrez que distingue da matemática na qual os formalistas utilizavam a mesma analogia se por sua aplicação:

O termo “jogo de linguagem” surge quando, a partir de 1932, Wittgenstein passa a estender a analogia do jogo à linguagem como um todo(...). Inicialmente o termo é usado indistintamente como um equivalente de “cálculo”. Sua função principal é chamar a atenção para as várias semelhanças entre linguagem e sistemas formais. (GLOCK, 1998, p. 225).

O ponto de partida para as analogias é que a linguagem é guiada por regras, e assim como no jogo, a regra da linguagem é a gramática, assim as regras da linguagem não determinam em quais jogadas terá êxito, mas a aplicação, a forma e o uso da linguagem nas regras regentes é que define o sentido, a exatidão. E isso é o que se chama de jogos de linguagem. Dessa forma, poder-se-ia afirmar que com a analogia os jogos vão assumindo progressivamente a analogia com o cálculo. O certo é que os jogos de linguagem são múltiplos e variados, e atendem a finalidades diversas na linguagem.

Em outra concepção acerca dos *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas* pode perceber-se que há certa afinidade nas afirmações, quando o que se põe em discussão é a necessidade pela qual levou Wittgenstein a denominar este termo e aplicar nas especulações filosóficas a cerca da explicitação da linguagem:

Ainda existe uma relação estreita com a analogia do xadrez, relacionando a esse trabalho preparatório, Wittgenstein propõe, posteriormente, um procedimento por meio do qual se poderia descrever o uso de sinais: uma vez que não seria possível obter uma visão geral do emprego efetivo da linguagem, ele descreveria jogos de linguagem- vínculos primitivos da ação, nos quais a linguagem seria aprendida e empregada. (BUCHHOL, 2008, p. 68).

Nos dias hodiernos, uma gama de estudos está sendo feito sobre o pensamento de Wittgenstein nas *Investigações filosóficas* e que delineia frequentemente a especular-se e

esclarecer os *jogos de linguagem*, mas parece que esta tarefa nos parece inelutável, embora fundamentado em comparações simples os *jogos de linguagem* apresentam alto grau de complexidade. Já que estes são “infinitos” e o que se busca não é o significado, nem a essência, mas o uso. Pelo fato de estar-se tratando apenas de uma explanação introdutória dos *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas*, sob a luz de pensamento de alguns estudiosos e comentadores, é importante ressaltar ainda que, o termo foi utilizado em quatro diferentes acepções: a) práticas de ensino b) jogos de linguagem fictícios c) atividades linguísticas d) linguagem como jogo. Como descreve Clock, (1998, p. 226-229).

Enquanto que o conceito de *uso* diferentemente da origem dos jogos de linguagem pode ser perceptível desde o *Tractatus*, na primeira fase de sua obra Wittgenstein já conferia destaque ao *uso* dos signos, visto que na citada obra, o uso de um signo apenas mostra suas possibilidades combinatórias do objeto que o signo substitui. Como ressalta. (GLOCK, 1998, p.226).

No entanto, nas *Investigações filosóficas* a posição de Wittgenstein é extremamente radical, porque para este, um signo não adquire significado por estar associado a um objeto como afirmaram os neopositivistas, nas *investigações* o signo adquire significado dependente da existência de um uso estabelecido, e da possibilidade de seu emprego na realidade. Como afirma o próprio filósofo: “para uma grande classe de casos em que empregamos a palavra significado, embora não todos, ela pode ser assim definida: o significado de uma palavra é seu uso na linguagem”. (§43).

Em síntese, pode-se considerar que em seu primeiro trabalho filosófico sob influência do pensamento de Russell e Frege, e também sabidamente de Moore, Wittgenstein escreve sua obra partindo da ideia de que proposições são afigurações da realidade, ou seja, linguagem e pensamento devem necessariamente ser correspondentes com a realidade, e que cada signo corresponde um “pedaço” da realidade. Com isso alguns comentadores, como Reale e Antisari definiram essa fase da filosofia de Wittgenstein no *Tractatus* como o auge da lógica e da linguagem científica, pelo motivo de que a tese central deste ser o paralelismo lógico. Tendo em vista o método de análise da linguagem apresentado no *Tractatus*, nessa primeira fase do pensamento wittgensteiniano, o que se pretendia era analisar logicamente as proposições da linguagem de uso cotidiano, e também da linguagem científica, fato que exerceu notável influencia entre os contemporâneos. Enquanto, que certamente oposto ao seu primeiro trabalho filosófico o *Tractatus Lógico-Philosophicus*, nas *Investigações filosóficas*,

obra póstuma, o quadro teórico da filosofia da linguagem muda radicalmente, de modo que sentenças ou valor de verdade antes de valia absoluta passam a ser uma dentre muitas facetas da linguagem. Nas *Investigações* a concepção de significado linguístico é determinado somente pelos vínculos de ações nas quais os sinais linguísticos são empregados, e esses vínculos de ação os denominam de *jogos de linguagem*. Com a ampliação dos jogos linguísticos pretende-se demonstrar que Wittgenstein põe termo uma tradição da linguagem que servira de base nas suas primeiras reflexões e na qual ele também pertenceu.

Mais precisamente, o que caracteriza o rompimento de Wittgenstein com o seu primeiro pensamento no *Tractatus* é o fato deste se ocupar do argumento de que a estrutura da lógica e da linguagem lógica é a mesma estrutura do mundo. Insatisfeito, nas *investigações filosóficas* o filósofo argumenta que a lógica não é absoluta e nem universal, toda especulação filosófica é finita, ou seja, não há verdade filosófica absoluta e as proposições sejam elas verdadeiras ou falsas ambas fazem parte de *jogos de linguagem* e que estes jogos são uma família cujos membros contêm descrições semelhantes.

CAPITULO II

LUDWIG WITTGENSTEIN: *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*; JOGOS DE LINGUAGEM

É perceptível que o termo “*jogo de linguagem*” nas *Investigações filosóficas* passa a se estender em diferentes acepções e à linguagem como o todo. Mas o que nos interessa é entender o conceito e a aplicações dos jogos linguísticos ou *jogos de linguagem* em relação a alguns temas mais específicos contidos implicitamente nas *Investigações filosóficas*, pois nestes Wittgenstein faz profunda críticas.

2.1 O CONCEITO DE *JOGO DE LINGUAGEM* DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*

O termo “jogo de linguagem” ou (*Sprachspiel*) das *Investigações filosóficas* estende a analogia do jogo à linguagem como o todo, de modo que com comparações amiúdes Wittgenstein desenvolve todo o argumento na tese de que a compreensão da linguagem dá-se pelo uso desta, obedecendo determinadas regras. A problemática dos *jogos de linguagem* tem sido causa de muitas discussões, visto que, alguns comentadores protestaram que Wittgenstein não fornece um critério de identidade para os jogos de linguagem, mas para o filósofo, o que importa não é a busca pela essência da linguagem, mas o uso.

Nas *Investigações filosóficas*, o conceito de *jogo de linguagem* é denominado pelo autor como uma solução da comunicação humana na problemática da linguagem, ou seja, com o *jogo de linguagem* ou os *jogos de linguagem* o significado não deve mais ser compreendido como algo fixo e determinado, como uma propriedade que emana da palavra, mas sim como

algo que as expressões lingüísticas, a linguagem, exerce em um contexto específico e com objetivos, mas que também mesmo no contexto segue determinadas regras.

Ao contrário do primeiro Wittgenstein do *Tractatus* que aderira à concepção de que o significado de uma expressão é o objeto a que esta se refere, nas *Investigações* do segundo Wittgenstein uma expressão não deixa de ter significado por não se referir a um objeto. Mas este filósofo o significado depende do seu uso em um contexto circunstancial em que se usa determinada expressão. E este uso denomina-se *jogo de linguagem*. Na primeira parte das *Investigações filosóficas*, percebe-se que em todas as suas estruturas argumentativas Wittgenstein faz uso dos jogos de linguagem para exorcizar concepções filosóficas que, segundo Glock, ninguém antes levantou, embora alguns ressaltem que a finalidade dos jogos de linguagem nas investigações é desmascarar a doutrina tractariana e seu método de análise da linguagem, além de muitos outros temas. Com isso, pode-se ilustrar o quanto a tese dos jogos lingüísticos é relevante na obra citada.

Para o Wittgenstein das “Investigações Filosóficas”, o “jogo de linguagem”, é a tese central. O termo jogo de linguagem pode se referir a todo o sistema de linguagem – mas também subsistemas que caracterizar a nossa língua. (HILTSCHER, 2008, p. 2, tradução nossa).

É importante ressaltar que a denominação dos *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas* não deve ser entendido como formas arbitrárias de empregar as palavras, mas percebe-se nas *Investigações* que, muitas vezes, o filósofo utiliza o termo “gramática” para designar tanto as regras constitutivas da linguagem, quanto a investigação ou organização filosófica dessas regras, como resalta que, “seguir regras é fundamental para nosso jogo de linguagem.” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 43), compreender uma *linguam* é algo que envolve o domínio de técnicas relativas à aplicação dos conceitos e para alcançar determinado fim na comunicação que é o entendimento entre os interlocutores. As regras da linguagem na concepção de Wittgenstein podem discorrer sobre três dimensões diferentes: a sintática, a semântica e a pragmática, sendo que nas *Investigações filosóficas* privilegia-se a linguagem pragmática, já que nesta uma expressão pode ser utilizada de maneiras muito diferentes, segundo a entonação do falante, segundo o contexto ou a situação em que é emitida são determinantes para a compreensão do significado de um símbolo e compreensão de uma expressão. Por isto, que o filósofo entatiza amúde o vacábulo de *uso, jogo* e regras para explicitar os *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas*.

2.2 ATAQUE VISSÃO AGOSTINIANA DA LINGUAGEM

No início das *Investigações filosóficas* pode perceber-se uma citação de Santo Agostinho, segundo a qual todas as palavras são nomes de objetos. E é certamente nesta concepção agostiniana de linguagem que o filósofo começa a aplicação dos jogos de linguagem: este começa sua argumentação não com o fim de reprovar esta concepção de linguagem, mas considerá-la insatisfatória assim como o atomismo lógico, como confirma:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (AGOSTINHO, 1996, I, 8, p. 48).

Com relação à concepção de linguagem exposta por Agostinho percebe-se, ao que parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana, esta funciona como uma forma de descrever objetos, denominá-los, e as frases são ligações de tais denominações. O certo é que segundo Wittgenstein, essa visão da linguagem é insatisfatória uma vez que o que se busca não é essência da linguagem, mas o uso desta. De outro modo, a concepção agostiniana de linguagem (§2) serve para o entendimento de um construtor A com um ajudante B:

Um construtor A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão a mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na sequência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras “cubos”, “colunas”, “lajotas”, A grita essas palavras; — B traz as pedras que aprendeu ao ouvir esse chamado. — conceba isso como linguagem totalmente primitiva. (WITTGENSTEIN, 1999, p.28).

O que se constata é que para Wittgenstein esse sistema de comunicação apresentado por Agostinho “não é tudo aquilo que chamamos de linguagem, é útil, mas

apenas para esse domínio estritamente delimitado”. (WITTGENSTEIN, 1999, p.28). Isso para afirmar que, a colocação só é válida em alguma circunstância e não para uma elucidação geral da linguagem como pretendia o autor das *Confissões*. Desse modo, esta forma de representar a linguagem é a mais simples, já que consiste na simples repetição da palavra emitida pelo interlocutor e cujos comandos tornaram-se possíveis apenas na nomeação dos objetos. Para Wittgenstein essa é a linguagem pela qual as crianças aprendem suas línguas maternas e que pode ser também entendida como um treinamento daqueles que agem e executam-nas.

É exatamente essa uma das formas de linguagem que Wittgenstein faz analogia aos jogos de linguagem, partindo da visão agostiniana da linguagem, da linguagem científica que se encontrara no positivismo lógico e de Russell como nas teses tractarianas, nas *Investigações* todas essas teses se incluem nos infinitos jogos linguísticos, de modo que no referente (§2) afirma:

Chamarei esses jogos de linguagem, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem. E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras a se brincar de roda. Chamarei também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada. (WITTGENSTEIN, 1999, p.30).

De acordo com a posição do filósofo, pode-se perceber a alusão que este faz ao *uso* da linguagem, de modo que, contrário às suas posições anteriores e de seus contemporâneos, nas *Investigações* o significado de um signo não adquire significação somente se este estiver associado a um objeto, mas a definição depende de como ele é usado. De outro modo, o significado de uma palavra é seu *uso* na linguagem ordinária, e a partir deste *uso* podemos compreender tudo sobre a denotação dessa palavra.

Uma problemática levantada a respeito do uso com relação ao significado é esta: Que aspecto do uso é relevante para o significado? Wittgenstein estava ciente desse problema. Ao fazer alguns comentários sobre uns jogos de linguagem fictícios, em que um mesmo tipo de ferramenta possui nomes diferentes em diferentes dias da semana, ele afirma que “nem todo uso é significado”. No entanto, Wittgenstein não necessariamente utiliza uma visão instrumentalista para sustentar tal tese, afirma Glock, (1998, p.362)’. Podemos conferir no (§21) que de acordo Wittgenstein, (1999, p.34), uma situação, ou um jogo de linguagem no qual B informa a A respondendo a uma pergunta deste sobre um monte de lajotas que se encontra espalhado em lugares distintos, e que na troca de mensagem entre os interlocutores enuncia a expressão “cinco lajotas”. Então qual é a diferença entre o comando de A e a informação de B onde ambos utilizaram o mesmo termo? Segundo o filósofo é simplesmente o papel que o pronunciar dessas palavras desempenha nos jogos de linguagem entre seus interlocutores.

Enquanto buscamos o que significa a aplicação dos jogos linguísticos e as formas como utilizamos as frases e o emprego destes, Wittgenstein alude a isso como jogos de linguagem, e chamará de jogos de linguagem para focalizar os vários usos pelos quais estes são empregados e como funciona nossa língua. É precisamente o uso, ou emprego em múltiplos contextos que o filósofo denomina como formas de vida, ou seja, o contexto cultural geral no qual as pessoas se relacionam umas com as outras e suas diversas ações. Para o autor das *Investigações*, há inúmeras espécies de emprego diferentes daquilo que chamamos de “signo”, “palavras”, “frases”, e essa pluralidade não é nada fixo e nem permanente, mas que se modifica, nascendo novos jogos de linguagem, de forma que alguns surgem, outros envelhecem e são esquecidos. E ainda acrescenta na ilustração:

O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros:

Comandar e agir segundo comando –
 Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme a medida –
 Produzir um objeto segundo uma descrição –
 Relatar um acontecimento –
 Conjecturar sobre o acontecimento –
 Expor uma hipótese e prová-la –
 Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –
 Inventar uma história; ler –
 Representar teatro –
 Cantar uma cantiga de roda –
 Resolver enigmas –
 Fazer uma anedota, contar –
 Resolver um problema de cálculo aplicado –
 Traduzir de uma língua para outra –
 Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

– É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. E também o autor do *Tractatus Lógico-Philosophicus* (WITTGENSTEIN, 2008, p.35-36).

Podemos constatar na descrição do filósofo acima citada que as formas de vida nos *jogos de linguagem* se compreendem na ação prática, e o que importa é seu papel nos jogos e não sua significação última, já que não se busca o significado, mas o emprego nas diversas situações existentes na comunicação humana. Para Wittgenstein aquele que desconsidera a pluralidade ou multiplicidades dos jogos de linguagem vai perguntar pelo significado de uma determinada expressão e não pelo emprego desta, com isso, o argumento é que a linguagem humana perpassa o simples ato de atribuir significado a significantes, nomear objetos e outros, mas que a linguagem humana dispõe-se de inúmeras ferramentas, para argumentar:

A multiplicidade das linguagens e dos significados não conduz a incompreensão, pois há regras que percorrem os usos mostrando sua *semelhança de família*, seu parentesco. Não há um significado último e independente por trás das diversas formas aparentadas para permitir a sinonímia e a tradução. Estas, apesar das dificuldades devidas a usos peculiares e ao contexto, são possíveis por causa da

semelhança de família, do emprego, da situação, do que se requer de determinado jogo. (ARAUJO, 2004, p. 110).

Com a multiplicidade dos *jogos de linguagem*, o uso das palavras e sua significação em contextos variados e obedecendo a certas normas Wittgenstein desmistifica a *visão agostiniana da linguagem*, em especial no atomismo lógico do *Tractatus* e de Russell. Enquanto, nestas concepções uma palavra não tem significação quando nada lhe corresponde, aqui o filósofo defende a tese de que mesmo havendo um sujeito X e este acidentalmente quebra, vejamos que o fato de X estar quebrado não exclui a permanência de seu significado, pois no jogo de linguagem a definição de X é admitida. De outro modo, a significação de um determinado objeto permanece mesmo que seu portador deixe de existir. A significação de uma palavra é seu uso na linguagem. Ora, em outras circunstâncias a significação de um nome, a sua expressão e a sua elucidação nos remete ao seu portador.

Ainda é importante ressaltar que há significações que existem independentemente de qualquer portador, e estas significações estão em nosso espírito anímico e isso faz com que todos os interlocutores se entendem, assim o que há são somente diferenças de jogos de linguagem, podemos falar em uma complexidade de jogos linguísticos ou mesmo de uma infinitude de jogos com as palavras. Mas o que se pretende é ressaltar que esta é apenas uma forma inicial de qualquer linguagem e alguma forma de linguagem que se encontra com suas particularidades é apenas uma forma de linguagem que pertence aos jogos de linguagem.

2.3 A CRÍTICA AO IDEAL DE DETERMINIBILIDADE DO SENTIDO PRESENTE NO *TRACTATUS* E EM FREGE

Pode-se considerar que Wittgenstein passa a usar o termo *jogo de linguagem* (*Sprachspiel*) comparando sistemas axiomáticos do *Tractatus* para explicitar a forma cristalina da linguagem, isto em comparação a um jogo de xadrez. Esta analogia parte dos formalistas que queriam construir a matemática sem recorrer a objetos matemáticos, de outro modo tratava à aritmética como um jogo praticado com símbolos matemáticos.

Nota-se que Frege critica essa ideia com o argumento de que a aritmética trata de signo ou daquilo que os signos se substituem. A problemática é que nas investigações filosóficas Wittgenstein rejeita essa dicotomia. Na postulação fregeiana um conceito deve possuir limites bem definidos e que sua definição deve determinar de forma precisa para

qualquer objeto referente, se ele cai ou não sobre o referente. Evidentemente o que difere Wittgenstein de Frege é que enquanto para o último a vagueza da linguagem natural é um defeito que pode e deve ser evitado, isso por meio de uma linguagem adequada aos propósitos científicos, para o primeiro Wittgenstein essa vagueza é um fenômeno superficial, mas que pode ser justificada desde que esteja dentro de uma boa ordem lógica, e insiste que a determinabilidade do sentido é uma pré-condição para a existência de qualquer sentido.

No *Tractatus* Wittgenstein acompanha Frege em sua consideração com a bivalência porque para ambos os filósofos, a realidade deve por meio de a forma proposicional ficar restrita a um sim ou um não. Com isso, pode-se constatar que assim como Frege no *Tractatus* Wittgenstein delimita a linguagem em correspondência com a realidade, ou seja, segue um paralelismo linguístico onde os axiomas obedecem a uma ordem lógica que se limita a uma bivalência excludente de qualquer alternativa. Para demonstrar em 5.556:

Todas as proposições de nossa linguagem corrente são, de fato, tais como são, perfeitamente ordenadas de um ponto de vista lógico. — Tudo o que for mais simples e que devemos aqui admitir não é símile da verdade, mas a própria verdade plena. (Nossos problemas não são abstratos, mas talvez os mais concretos que existem). (TRACTATUS. 2008,p.110)

Nas *Investigações filosóficas* a insistência na ideia de que a possibilidade da dúvida ou do desacordo quanto à aplicação de uma expressão deve ser eliminada. Em paráfrase, o problema apresentado a lógica é que com os *jogos de linguagem* tudo fica simplificado e todos os processos da linguagem pertencem à linguagem, para Wittgenstein não há nada comum nos fenômenos linguísticos, mas que estes estão aparentados de muitos modos diferentes. E é exatamente com o parentesco linguístico que as formas da linguagem chamam-se de “linguagens”. (IF,§67).

Para Wittgenstein há inúmeras semelhanças entre os fenômenos linguísticos, de modo que o conceito de bivalência torna-se apenas um traço opcional da linguagem. Na comparação de uma variedade de jogos nota-se que semelhanças surgem e desaparecem. Mas, embora cada modalidade possua um estilo próprio de “jogo” percebe-se que há semelhanças e que esta “símile” denomina-se como “semelhança de família”. Essa semelhança não se define pela aparência e traços fisionômicos, mas pelo jogo com as palavras. Visto que, é exatamente com os “jogos” que a multiplicidade de formas linguísticas torna-se uma família de jogos de linguagem. Na especulação, pode-se elucidar que a linguagem enquanto formas de vida não se restringe necessariamente ao seu significado e ao

seu significante, mas é dependente dos jogos e das formas de *uso* que leva o conceito da proposição ganhar modos diferentes de aplicação. Com isso, explica-se que na linguagem não há uma forma perfeita e exata de conceituação. Para demonstrar no (§68):

Pois posso dar ao conceito “número” limites firmes, isto é, usar a palavra “número” para a designação de um conceito firmemente delimitado, mas posso usar também de tal modo que a extensão do conceito não seja fechada por um limite. E assim empregamos a palavra “jogo”. (WITTGENSTEIN, 1998, p. 53).

De certa forma, pode-se concordar com a colocação de Wittgenstein de que a linguagem não se restringe somente a o argumento da bivalência defendido por Frege e no *Tractatus*, e concordaríamos também que no “jogo” os sistemas axiomáticos da linguagem ganham vida e que as proposições ganham conceitos dependentemente do seu contexto. Mas quanto à determinabilidade dos jogos, onde poderia elucidar-se o que é um jogo e o que não o é? E como poderia se explicar a alguém o que é um jogo?

Então, pode-se inferir que para a primeira interrogação Wittgenstein afirma que não conhecemos os limites dos jogos, pois nenhum está traçado. E de forma semelhante para a segunda pergunta não se tem uma resposta precisa, pois o conceito de jogo perpassa o que chamamos exatidão da linguagem é “um conceito com contornos impreciso” afirma o filósofo, isso para demonstrar que na prática do “jogo” nem todos os movimentos e gestos estão sujeitos a determinadas regras. Veja que Frege passa comparar um conceito com um distrito e não se poderia se chamar de distrito um conceito imperfeitamente delimitado, isto é, um conceito inútil, pois nada pode fazer com ele. Ao contrário, Wittgenstein elucida-se que ao traçar uma determinada indicação para um sujeito, este age de acordo com a elucidação.

Assim, pode enfatizar que o sujeito ao agir a sua ação denomina-se um jogo. E esse jogo refere-se a um *jogo de linguagem* com a palavra “jogo”. O que se consegue constatar com a dialética apresentada é todo o ideal de exatidão do conceito, ou seja, os sistemas axiomáticos da linguagem apresentados na concepção fregeana e no *Tractatus* são agora criticados por Wittgenstein e elevado a categorias de jogos de linguagem, pois não se encontra um ideal de exatidão satisfatório, confere-se:

“Inexato” é propriamente uma repreensão e “exato” um elogio. E isto significa: o inexato não alcança seu objetivo tão perfeitamente como o mais exato. Isto depende daquilo que chamamos de “objetivos” [...] um ideal de exatidão não estar previsto; não sabemos o que devemos nos representar por isso – a menos que você mesmo estabeleça o que deve ser assim chamado. Mas ser-lhe-á difícil encontrar tal determinação; uma que o satisfaça. (WITTGENSTEIN, 2008, p. 60-61).

A partir da posição wittgensteiniana chega-se às seguintes conclusões acerca do que este pensa sobre a concepção de determinabilidade do sentido levantada por Frege e com repercussão no *Tractatus*. Wittgenstein consegue identificar as seguintes falhas na determinabilidade do sentido, nesta paráfrase com Glock: primeiro que não há um ideal único de exatidão e que uma definição inexata não é aquela que deixa de satisfazer o fugaz ideal de determinabilidade, mas sim aquela que deixa de satisfazer os requisitos para compreensão de um dado contexto. E segundo, um axioma linguístico para que tenha um uso, os nomes não precisam ser analisáveis em termos de um conjunto de descrições que os identifique univocamente, ou seja, um conceito não deixa de ser um conceito somente porque não pode ser definido analiticamente. (GLOCK, 1998, p. 128)

Com isso, é consistente afirmar que as considerações de Glock quanto a especulação e análise de Wittgenstein a respeito da determinabilidade do sentido são de grande importância, já que ele consegue demonstrar uma conclusão precisa e profunda quanto à crítica de Wittgenstein à determinabilidade do sentido. O que se pode acrescentar é que a determinabilidade do sentido é uma problemática de difícil natureza filosófica no sentido de ser combatida ou refutada, mas com os jogos de linguagem fica demonstrável que estes são alternativas mais constatáveis para realizar tal confronto e provar a deficiência do determinismo do sentido, com os jogos linguísticos o delimitado ganha amplitude. O motivo desta afirmação é porque nos *jogos de linguagem* se analisa inúmeras possibilidades de definição do conceito.

Percebe-se que, o que fica demonstrado com os *jogos de linguagem* é que o filósofo das *Investigações filosóficas* avalia todas as possibilidades de determinabilidade do sentido enquanto perfeição das proposições e constata que essa determinação só se faz presente em algumas circunstâncias e em outras se apresenta inadequada, imperfeita e insuficiente. Certo que com isso, evidencia-se que para Wittgenstein nem mesmo os jogos de linguagem são exatos ou perfeitos, mas estão sujeitos a erros. De outro modo, não há um

modelo de linguagem superior, uma linguagem unívoca, mas multiformidades de sentido nas expressões e nos conceitos, e que estes conceitos estão incluídos nos jogos de linguagem e ao uso.

Em suma, o conceito de determinabilidade do sentido combatido por Wittgenstein não se refere propriamente ao princípio de causalidade. Mas embora a determinabilidade do sentido adotado por Frege e pelo primeiro Wittgenstein não seja estabelecido por leis estabelecidas pelos científicos, mas é perceptível que esteja sujeito ao sentido absoluto e bivalente que na concepção fregeana um conceito sem uma definição precisa não é um conceito genuíno. De igual modo, no *Tractatus* o sentido da proposição limita-se a um sim ou um não, ou seja, a hipótese é que não há outras possibilidades de significações em um conceito porque pela regras ele é verdadeiro ou falso.

Com os *jogos de linguagem*, Wittgenstein critica e rejeita a possibilidade de exatidão do sentido, pois nenhum conceito está determinado, mas toda a linguagem dependente de um contexto e dependente dos contextos os axiomas ganham vida. O que está delimitado torna-se ilimitado, o determinado é indeterminado. O conceito de exatidão permanece somente em determinado sentido por que faz parte de jogos de linguagem e jogos são formas de vida que estão sujeitos não a regras absolutas, mas ao uso. Podemos evidenciar que para o autor das *Investigações filosóficas* e na determinação dos jogos de linguagem no que diz respeito à tese determinista do sentido é que para este filósofo vagueza dá um sentido em um termo ou em uma proposição não deixa de ser um defeito, mas que tal defeito não exclui o sentido da proposição.

Pode-se demonstrar que o simples fato de delimitar certa fronteira geográfica, e ainda que esta não esteja definida precisamente, ela não deixa de ser uma fronteira. De outro modo, na linguagem ordinária o sentido de uma palavra, sua definição e significação podem apresentar aplicações distintas ou análogas dependendo do contexto e do uso, para ilustrar demonstrar que diferentes sentenças podem expressar a mesma proposição quando têm o mesmo significado.

Em suma, na língua as palavras podem se dispuser em vários jogos, como a univocidade onde uma determinada área ou cultura adota um termo com significado único, ou um determinado termo com significado diferente pode ser usado desapropriadamente para certo contexto e também certa palavra pode possuir diversas aplicações para variados atributos.

2.4 A INSUFICIÊNCIA DA LÓGICA E A FUNÇÃO DOS JOGOS DE LINGUAGEM

Considerar a lógica uma significação universal foi uma concepção defendida por inúmeros filósofos do passado e repercute no presente. No neopositivismo lógico e no *Tractatus Lógico-Philosophicus* a linguagem lógica foi elevada como a base de todas as ciências. O problema especulado por Wittgenstein nas *Investigações filosóficas* é que a lógica enquanto ciência sublime quer ver as coisas a fundo, mas não se preocupa com aquilo que se determina como acontecimento concreto, ou seja, sua busca é incessantemente pela essência dos fatos enquanto que menospreza as causalidades dos fatos. E o que se deve buscar nos fatos concretos é compreender os fatos concretos e suas causas e efeitos, pois se supõe que a lógica não tem como meta compreender isto. A meta das pesquisas filosóficas não é desvendar os fenômenos, mas as possibilidades dos fenômenos em vários ângulos dimensionais.

A notável consideração conferida à lógica no *Tractatus* leva Wittgenstein nas *Investigações* a considerá-la como uma ilusão, porque a função da lógica detém sobre um pensar “singular” que limita qualquer possibilidade de pensar sobre os fatos dentro de um contexto temporal como ocorreu ou como deveria ter ocorrido, deste ou daquele modo. Em síntese, nos fatos buscar-se-iam causas e não somente a essência, de outro modo, pode-se delinear que a lógica é necessária na concepção do autor das *Investigações* o ato de falar e pensar são correlatos e ambos formam uma única imagem de mundo, mas é exatamente nesse aspecto que faz-se mister os jogos de linguagem, afirma:

O pensamento, a linguagem aparece-nos como a único correlato, a única imagem do mundo. Os conceitos: proposições, linguagem, pensamento, mundo estão uns após os outros em série, cada um equivale ao outro. (mas para que devem ser usadas essas palavras? Falta o jogo de linguagem no qual devem ser empregadas.) (WITTGENSTEIN, 1999, p. 62).

A defesa de wittgensteiniana é que o nosso pensamento é confuso. O que se denomina como essência e ordem lógica no neopositivismo e no *Tractatus* aqui apresenta-se como uma ordem *a priori* que deve necessariamente ser comum ao mundo e ao pensamento

com suas possibilidades. Assim, a considerável estima infligida às palavras; conceito, proposições, linguagem e pensamento passam ter a mesma seriedade das palavras: mesa, cadeira, porta etc. Wittgenstein demonstra que não há ideal e exatidão nos fatos empíricos, mas em nosso pensamento que através de uma visão panorâmica nos favorece um amplo ângulo pelo qual vemos as coisas, uma melhor compreensão destas.

E com isso pode se considerar infalível a importância dos *jogos de linguagem* explicitada pelo filósofo, para conferir: “os jogos de linguagem muito mais como objetos de comparação, que através de semelhanças e dessemelhanças devem lançar luz sobre as relações de nossa linguagem” afirma Wittgenstein (1999, p. 68). É exatamente com as comparações entre o fato e suas relações que podemos evitar o vazio de muitas afirmações, de outro modo somente com o uso das possibilidades e comparações dos fatos dentro dos jogos de linguagem podemos superar as insuficiências da lógica.

Em suma, pode se constatar que a definição dos *jogos de linguagem* define-se basicamente em três predicamentos linguísticos; analogia, comparação e uso, isso devido o jogo linguístico estender-se a linguagem como todo. Demonstrar-se; a) analogia como definição de jogo linguístico porque uma proposição pode assumir valores contínuos e não somente determinados ou fixo; b) comparação porque o significado de uma palavra depende da soma de regras para determinar sua definição; c) uso porque o significado de um símbolo é independente de seu significante, ou seja, uma expressão não deixa de possuir significado por não possuir um objeto de referencia.

A crítica de Wittgenstein a visão agostiniana da linguagem consiste certamente em demonstrar que o valor da palavra, da expressão e do signo não necessariamente depende do referente para coexistir. Com isso, Wittgenstein quer mostrar que o ideal de determinabilidade do sentido já fizera presente antes mesmo que escrevesse o *Tractatus*. De certo modo, pode-se constatar que ambos os temas alvos de críticas nas *Investigações filosóficas* possuem elementos intrínsecos, mas lógica neste caso nos parece como a soma de ambos os dois temas apresentados, pois a relação significado e referente e a proposição como verdade delimitada e determinada, todos constam na análise lógica e na lógica em si. O fato é que a lógica diz o indizível, o irreal e por as palavras possuírem significado nas palavras independentes do perceptível, Wittgenstein considera-a insuficiente e opta pelos *jogos de linguagem*.

CAPITULO III

OS DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS E OS JOGOS DE LINGUAGEM

Nos dias hodiernos uma gama de teses sobre questões éticas são discutidas a partir do ponto de vista filosófico, e aqui se especulará sobre a problemática da ética e dos Direitos Humanos do ponto de vista relativista e objetivista à luz do pensamento de Wittgenstein sobre os *jogos de linguagem*. Desse modo, o objetivo deste capítulo é explanar sobre os *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein e os Direitos Humanos Universais. Desse modo, analisar ambos os axiomas no *pluralismo cultural* em frente à posição do relativismo ético e do objetivismo ético. Para tanto, em princípio procurar-se-á analisar a tese do relativismo ético e a sua antítese, ou seja, a posição do objetivismo ético acerca dos direitos humanos; no segundo momento, analisar-se-á a questão dos direitos humanos universais e direitos humanos constitucionais na perspectiva dos *jogos de linguagem* de Wittgenstein; e por fim, refletir acerca dos direitos humanos sob a ótica wittgensteiniana dos *jogos de linguagem*.

3.1 RELATIVISMO E “ABSOLUTISMO” NA PERSPECTIVA PLURICULTURAL DOS JOGOS DE LINGUAGEM

A presente discussão de cunho especulativo é com ênfase na validade do ponto de vista filosófico denominado *relativismo ético*, cuja argumentação consiste em relativizar toda validade dos princípios éticos em âmbito universal, e ao contrário deste, temos o *objetivismo ético* cuja tese visa considerar a tese relativista inconsistente e contraditória em si mesma. Isto, pelo fato de que ao afirmar que “toda verdade é relativa” acaba objetivando esta proposição para todo sujeito pensante.

A abordagem do problema ético na perspectiva relativista e objetivista fazem-se

mister porque ao abordar a questão dos Direitos Humanos Universais percebe-se que estes exercem o mesmo papel na ética outrora exercido pelos direitos naturais, o assunto que será discutido adiante. A problemática em questão dispõe-se de uma gama de ramificações argumentativas nas quais apenas algumas são interessantes ressaltá-las no presente trabalho. Exatamente essas múltiplas formas de argumentos, de teses e antíteses na área do direito que no referente aos Direitos Humanos Universais permanece ideias conflitantes quanto à veracidade do conceito de direito em si, assim se percebe uma busca de justificação e efetivação destes direitos, por outro, pretende-se objetar a validade destes direitos. Desse modo, pelo antagonismo axiomático de ambas as teses por e estes se apresentarem como diferentes modos de jogos linguísticos que se pode denominá-los como *jogos de linguagem*.

Para explicitação da tese relativista pode-se destacar que esta corrente não é contrária a um “absolutivismo ético” propriamente dito. O que opõe as dissertações relativistas são propriamente posições objetivistas que argumentam a validade de alguns princípios universais, e com isso às vezes é denominado *absolutivismo*, afirma Audi, (2006, p. 813). O objetivo primordial dos *relativistas* é invalidar qualquer princípio unívoco. Estes “concluem que não há princípios morais universalmente válidos que se aplicam em todos os lugares e em todos os tempos” (AUDI, 2006, p. 814). Ao contrario destes, o *objetivismo ético* ramificado em duas teses, um *objetivismo forte* que defende que há uma moralidade nuclear verdadeira com regras morais específicas e um *objetivismo fraco* que sustenta a existência de uma *moral núcleo*. (AUDI, 2006, p. 814).

O *objetivismo forte* parte do princípio de que os conjuntos de leis e normas de uma determinada época numa nação são absolutos porque no tempo corrente os princípios vigentes possuem supremacia geral sobre os seus súditos, sendo que, normas, leis ou princípios são absolutos somente dentro dos limites da própria nação. Com isso exemplifica um tipo de *absolutismo restrito*, não somente exemplifica, mas também é considerado por muitos estudiosos como *absolutismo*, pelo argumento de que os fundamentos da lei de uma nação X são absolutos em relação a todos os vassalos, pois estes estão sujeitos às normas que nesta pátria se encontra instituída, de outro modo, são as constituições federais atuais. Visto que, para a *moral núcleo* defendida pelo *objetivismo fraco* afirma-se que determinados princípios independentes da época e da nação têm valor universalmente válidos sem dependência da diferença cronológica, geográfica e cultural que separa os povos. Com isso, pode-se elencar alguns princípios como; não matar inocente, não roubar, não mentir etc. Estes valores, segundo o *objetivismo fraco* são princípios válidos em todos os tempos e para todos os povos.

De certo modo, conclui-se do objetivismo ético que embora algumas culturas possam diferir de seus costumes e princípios éticos alguns princípios morais são inerentes a todos os povos e culturas, ou seja, existem alguns princípios morais que são certamente universais. Mas para isso, vale explicitar os argumentos do relativismo ético.

Tendo-se explicitado as teses do *objetivismo ético*, é importante ressaltar sobre as antíteses deste, certamente o seu contexto é o *relativismo ético* cuja reflexão desdobra-se com “a negação de que existem certos tipos de verdades universais” (AUDI, 2006, p. 814). Do mesmo modo que o *objetivismo*, o *relativismo* subdivide-se em duas teses principais que negam a univocidade da verdade. A primeira conhecida como *relativismo cognitivo* afirma que não há verdade a cerca do mundo e que o mundo não tem características intrínsecas, ou seja, nega-se a existência de princípios comuns a todos os povos; na segunda tese conhecida como *relativismo ético* afirma que não há princípios éticos universalmente válidos, mas que certos princípios são relativamente válidos apenas do ponto de vista da cultura e de acordo com a escolha individual do sujeito, e é exatamente onde se pode confirmar a contradição do *relativismo ético*. É possível explicitar que o respeito ao princípio de igualdade defendido pelos Direitos Humanos Universais, caso este seja ferido pelo sujeito consciente e já que sua validade depende da escolha individual de cada indivíduo como descreve o relativismo ético. Neste caso, pode constatar-se que:

Em âmbito coletivo, ferir os direitos humanos de outrem significa renegar aquela dignidade que o próprio agressor possui, significa bater no próprio rosto, pisotear no outro aquilo que existe dentro de si. Quando o agressor reconhece que ofende a si mesmo no momento em que desrespeita qualquer direito humano, resta-lhe tão somente o “peso da consciência” moral (VIANA, 2012, p. 5)

Certamente isso constitui um problema para o *relativismo ético*, enquanto sujeitos iguais perante a lei, dotados de vontade e ser seres pensantes, constituídos dos mesmos predicamentos “alma e corpo”, “matéria e forma” etc. Negar os direitos de outrem é negar os próprios direitos. Assim, é perceptível que a tese do *relativismo ético* seja desfavorável propriamente ao *objetivismo ético*, sendo que este último prevalece, pois no âmbito metafísico não se consegue negar o princípio de igualdade entre os homens. A questão é que princípios morais instituídos universalmente precisam ser justificados racionalmente e somente desse

modo terão maior efetivação universal, de certa forma nota-se que o *relativismo ético* tende a ignorar a justificação dos princípios universais, sendo que desse modo estes princípios universais permanecerão subjetivos ao sujeito pensante. Mas isso não exclui que a racionalização ou a explicitação de certas verdades do ponto de vista filosófico é indispensável, pois somente com fundamentação especulativa consegue-se desconsiderar o ponto de vista *relativista ético* com a explicitação da verdade. Segundo Habermas (2004, p. 105): “aquilo que os filósofos têm descrito como o desejo universal de verdade fica mais bem descrito como o desejo universal de justificação”.

Nas palavras do filósofo, constata-se que a busca primordial não é da verdade, mas justificação da própria verdade. Igualmente, os princípios universais dos Direitos Humanos em si, de certa forma estão anímicos, ou seja, na alma do ser pensante, do homem, mas a questão é como justificar a validade destes princípios, e isso é possível desde que sejam filosoficamente especulados. A fundamentação filosófica sobre validade de um princípio transcendente que extrapola os limites da cultura de um povo, alcançando auge universal, é um caminho obscuro e sem muitas opções. Neste caso, o problema a se resolver não se refere somente a conceitos justificáveis, mas a certas crenças que variam em contextos distintos e é exatamente às crenças que se prende o *relativismo ético*. Um conceito pode ser expresso em muitas linguagens distintas e permanecer a mesma denotação, ou significado, enquanto que as crenças remetem à sensação de veracidade relativa, já que não é fidedigna à realidade objetiva e assim torna-se um elemento subjetivo do conhecimento. A problemática dos *jogos de linguagem* entra neste assunto porque se percebe que ambas as teses pertencem a um universo linguístico distinto, com isso Wittgenstein não tem uma opção única, mas denominar-se-á essas teses como partes do *jogo de linguagem*.

É precisamente aqui que podemos perceber o emprego dos *jogos de linguagem*, com relação ao problema ético em si. No *Tractatus Lógico-Philosophicus* Wittgenstein enfatiza a univocidade do jogo, ou seja, a existência de um único *jogo de linguagem*, de uma única linguagem que é a linguagem lógica. Nesta linguagem, o filósofo traça limites do sentido de tal modo que nada pode ser pensado fora dos fatos, e a ética não se encontra nos fatos. Logo não existem fatos éticos no mundo, pois a ética não tem existência factual; em 6.421: “a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 127). E totalmente ao contrario do *Tractatus*, nas *Investigações filosóficas* Wittgenstein substitui a univocidade do jogo por multiplicidades de *jogos de linguagem*, de tal modo que

tanto a ética quanto a metafísica e a religião antes desprovidas de sentido, nos *jogos de linguagem* são consideradas formas de vida de igual modo com outros campos da ciência.

Tendo visto que a própria lógica não foi repudiada pelo filósofo, mas incluída nos infinitos *jogos de linguagem*. Desse modo percebe-se que para Wittgenstein posições relativistas e objetivistas sobre questões relacionadas a princípios éticos são comuns nos *jogos de linguagem*, de outro modo, suponhamos que posições adversas e questões relacionadas a verdades parecem não haver validades mais precisa de uma premissa com relação à outra. Então, questionaríamos a Wittgenstein se com relação aos direitos humanos, existem princípios universalmente válidos, ou seja, existe certo *jogo de linguagem* que deve ser considerado superior em relação aos diversos outros *jogos de linguagem*? Percebe-se que o sentido de univocidade no *Tractatus* foi rejeitado por Wittgenstein nas *Investigações filosóficas* o que considerara essência da linguagem no *Tractatus* nas *Investigações* é substituído pelo *uso* e pelos jogos linguísticos. Assim, os princípios morais devem ser especulados numa perspectiva contextual do uso em que são aplicados, desse modo, constatamos que não há uma única forma de juízos morais e de princípios morais na visão wittgensteiniana. Logo que não há uma forma geral de princípios morais, mas infinidades de princípios morais de alguma forma não seria Wittgenstein um relativista ético? Ou então, qual noção da ética se poderia tirar da compreensão dos jogos de linguagem? Para demonstrar:

Uma delas é que *um único sistema moral* pode ser constituído por diferentes jogos de linguagem, por diferentes *tipos* de afirmações. Por exemplo, uma moral cristã ou budista é constituída por diferentes tipos de juízos morais. Por isso, é possível, considerando os diferentes *tipos* de juízos morais, afirmar que há uma multiplicidade de jogos de linguagem morais. (AGNOL. 2010, p. 9).

Em concordância com Agnol, poderemos elencar algumas formas de juízos morais nos *jogos de linguagem* como, por exemplo: a) jogos de linguagem *valorativos* que enunciam comportamentos gerais que qualificam o sujeito (do tipo: João é uma pessoa honesta), de outro modo; b) jogos de linguagem *imperativos* como princípio particular de regra seja proibindo ou autorizando a ação de um determinado sujeito, por exemplo: João deve ser justo porque ele é juiz de direito. Assim, com esse e outros exemplos não explicitados percebe-se a variedade de jogos linguísticos que descrevem os múltiplos jogos morais. Isto, em paráfrase com Agnol (2010, p. 9).

3.2. ABORDAGEM ÉTICA DOS DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS NOS JOGOS DE LINGUAGEM

Em vista a problemática dos direitos humanos universais nos organismos internacionais, onde se busca assegurar a garantia desses direitos, de modo que sua validade e efetuação sejam consistentes em todas as nações, como também o fato de “a fundamentação dos direitos humanos constituírem um dos temas mais atuais da ética contemporânea”. (VIANA, 2012, p. 1), faz-se mister oferecer uma abordagem especulativa desses direitos numa perspectiva wittgensteiniana dos *jogos de linguagem*. Partindo do pluralismo cultural e do *relativismo ético*, o último defende que aquilo que é considerado certo e errado varia de uma comunidade para outra, decerto que não existe valores universais que sejam válidos para todas as comunidades. Logo, todos os valores são relativos. Com esta consideração resta-nos observar a posição de Wittgenstein em relação aos Direitos Humanos Universais nos *jogos de linguagem* e numa abordagem ética.

É necessário averiguar algumas resoluções cuja meta é estabelecer direitos universais cabíveis em todas as épocas futuras e válidas para todos os homens, e que embora elaborados em culturas distintas e épocas longínquas compartilham alguns ideais que são intrinsecamente semelhantes. Então, já que segundo Wittgenstein não há uma forma geral de proposição, mas diversos *jogos de linguagem* e que possuem traços comuns, com isso não se poderia falar de um *jogo de linguagem transcendental* ou de princípios éticos universais que possuem a mesma validade nas distintas comunidades do nosso globo? Certamente, a transcendentalidade da ética ficou bem explícita no *Tractatus*, em 6.421: “É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 127). Aqui se trata de um jogo inexprimível que transcende os limites do empírico e da linguagem lógica.

Mas nas *Investigações*, o transcendente é apenas um *jogo de linguagem* como qualquer outro *jogo de linguagem*. Em relação à diferença geográfica e cultural vemos que a sociedade ocidental e cristã, em relação à sociedade oriental e islâmica é consideravelmente diferente culturalmente quanto às suas crenças religiosas etc. Mas é válido afirmar que ambas as sociedades elaboraram uma resolução peculiar objetivando o equilíbrio da fraternidade universal entre os homens e assegurando os Direitos Humanos Universais, estabelecidos através do consenso internacional entre representantes das variadas nações. Desse modo, mesmo que a sociedade ocidental e a oriental ainda possam parecer antagônicas por seu

desenvolvimento histórico, político, cultural, social e nas crenças um conceito torna-se único e comum: o desejo de paz e aproximação entre os povos.

Na resolução da Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada e aprovada pelas Nações Unidas, cuja participação inclui também a sociedade oriental, justifica explicitamente as razões pelas quais se incitaram distintas comunidades partilhar do mesmo ideal, defendendo os mesmos princípios, como se confere na resolução:

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo, [...]. Que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra tirania e a opressão, (DUDH, 1948, p. 1).

Pode-se afirmar que estes princípios visam realizar o compromisso universal pela paz e pelos direitos dos homens, dependentemente da cooperação internacional para resolver os problemas mundiais de gêneros afins, promovendo a justiça em defesa dos direitos humanos ou direitos da pessoa humana como as liberdades fundamentais citadas na resolução. A elaboração dessa declaração que tende a cumprir os direitos da pessoa humana em distintas comunidades só fez-se possível através do acordo entre os distintos representantes das nações que formam a comunidade internacional. Podemos constatar que o desejo da paz e da fraternidade e a decisão de fazer o acordo para a efetivação dos direitos humanos em prol da paz têm primazia nesta resolução, é algo comum a todos os homens. Mas este desejo manifestado por unanimidade segundo Wittgenstein não é anterior aos homens, argumentando que:

A natureza da crença na uniformidade dos acontecimentos se torna talvez mais clara no caso em que sentimos temor daquilo que é esperado. Nada me faria por a mão no fogo- embora eu me tenha queimado apenas no passado. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 134).

Aparentemente pode-se notar que, segundo o autor das *Investigações filosóficas* a justificação de uma decisão confere-se na via da experiência. Se antes os homens não

tivessem experimentado os efeitos da injustiça, da guerra e do isolamento não procurariam a promoção do bem comum e da fraternidade universal. Ou seja, se os homens aceitam unanimemente a promoção da paz universal, isso dá-se pelo fato de que a experiência com a guerra fora frustrante no passado. Assim, argumenta em §484 que:

Diríamos: ‘uma razão é boa, apenas porque torna verossímil a ocorrência’. Porque exerce por assim dizer, influência sobre o acontecimento; portanto, quase uma influencia empírica [...] a justificação pela experiência tem um fim. Se não o tivesse, não seria uma justificação. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 135).

Quanto à questão da experiência como fundamento de justificação deve-se considerar tal afirmação propícia neste assunto. Mas podemos recorrer do mesmo modo à fundamentação dos direitos humanos universais em outra Declaração e veremos que os mesmos anseios por uma ordem global que assegure os Direitos Humanos Universais no princípio da justiça e da paz mundial pode-se perceber que a comunidade oriental e islâmica, que é distinta da comunidade ocidental e cristã, tem naturezas afins, ambas compartilham intrinsecamente de alguns princípios universais que segundo o *objetivismo fraco* podem ser denominados *moral nuclear*. Para conferir:

Considerando que a antiga aspiração humana por uma ordem mundial mais justa, onde as pessoas possam viver, crescer e prosperar num ambiente livre do medo, da opressão, da exploração e da privação, ainda não foi alcançada, (DIDUH, 1980, p. 3).

Certamente, a questão parece ser mais complicada para Wittgenstein, pois se percebe que dentro de uma multiplicidade de *jogos de linguagem* um único jogo parece ser inerente a todos os povos distintos povos. Pois, o que se leva em questão presentemente é os direitos da pessoa humana e isso não se consta em ambas as constituições como um jogo comum de linguagem, mas de jogos universais ou jogos transcendentais. Vejamos que na nota §484, confere-se que o filósofo alude que a própria busca do bem se fundamenta pela experiência, mesmo que isso não seja empiricamente observado, mas demonstrado na vontade e nas ações do homem. Ou de outro modo, “podemos predizer a ação de uma pessoa a partir

da manifestação de decisão. Um jogo de linguagem importante” (WITTGENSTEIN, 1999, p.156).

Aplicando o princípio de comprovação por fundamentação empírica até em determinado sentido pode se considerar a concepção wittgensteiniana de que a justificação dá-se pela experiência. Mas de outra forma percebe-se que “uma diferença entre a verdade e a justificação é aquela entre o irreconhecível e o reconhecível”. (HABERMAS, 2004, p. 106). Portanto, é verossímil afirmar que princípios universais pelos quais se fundamentam os direitos universais não são perceptíveis a luz da apreensão e do experimento, mas somente por vias da razão especulativa. E isso constitui propriamente um problema para a visão wittgensteiniana dos *jogos de linguagem* porque se a fundamentação só consiste na experiência, então questão que só podem ser resolvidas com base metafísica e que de fato transcende os fundamentos da experiência também parece inexprimível nas *Investigações filosóficas*. É importante advertir que a fundamentação por experiência não se trata do conceito experimental defendido no *Tractatus*, mas de uma experiência anímica ao indivíduo. Logo que os *jogos de linguagem* é aquilo que desmembra a unicidade e multiplica a linguagem em geral. O transcendente neste caso é mais um tipo de *jogo na linguagem*. Com isso, o filósofo afirma que:

Nosso erro é procurar explicação lá onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos primitivos’. E isto é, onde deveríamos dizer: *joga-se esse jogo de linguagem* [...] não se trata da elucidação de um jogo pelas nossas vivências, mas da constatação de um jogo de linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 159).

O problema concernente aos *jogos de linguagem* consiste propriamente na simplificação destes. Pois se pode ressaltar amiúde que o conceito de Direitos Humanos Universais e os princípios que o sustentam, por exemplo, na concepção naturalista do valor da pessoa humana que efetiva a valoração destes princípios vejamos que: “o direito natural é a norma constante e invariável que garante infalivelmente a realização da melhor ordenação da sociedade humana”. (ABBAGNANO. 2003, p. 278). É verossímil constatar que os direitos humanos universais, ou a coexistência de direitos naturais da pessoa humana na forma de *jogo de linguagem*, pode denominar-se como *jogos transcendentais*, ou seja, uma forma de *jogo de linguagem* que perpassa todos os demais, pois é neste que os demais jogos de direito se fundamentam. E isso não parece admissível por Wittgenstein nas *Investigações filosóficas*.

3.3 CONCLUSÕES DOS DIREITOS HUMANOS NOS JOGOS DE LINGUAGEM

Nestas considerações é importante demonstrar que a concepção de *jogos de linguagem* não faz de Wittgenstein um relativista ético, mas supostamente um naturalista, não que admita os direitos naturais como princípios universais, transcendentais e que tenha mais relevância que outros *jogos de linguagem*. Para conferir:

Imagine que você fosse um pesquisador em um país cuja língua lhe fosse inteiramente desconhecida. Em que circunstância você diria que as pessoas ali dão ordens, compreende-nas, seguem-nas, se insurgem contra elas, e assim por diante? O modo de agir comum a todos os homens é o sistema de referência, por meio do qual interpretamos uma linguagem desconhecida. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 93).

Wittgenstein admite a existência de traços comuns nos diferentes *jogos de linguagem*, o que não admite de fato é afirmar a existência de *jogos de linguagem universais* ou de elevados *jogos de linguagem*. Por exemplo, a questão dos *jogos de linguagem* no direito. “Direitos universais” ou “direitos naturais” são distintos de direitos civis. Neste último, denominam-se direitos civis os direitos que são estabelecidos pelas nações, limitados às suas fronteiras territoriais, e estão nas constituições; enquanto direitos naturais ou direitos humanos universais são direitos que muitos estudiosos dizem que os indivíduos têm por natureza ao nascer. E certamente, esses direitos não podem ser reduzidos aos direitos civis. Embora John Locke argumentou que os direitos naturais da vida, liberdade e propriedade deveriam ser convertidos em direitos civis e protegidos pelo estado soberano como um aspecto do contrato social. (LOCKE, 1998, p. 385). O fato é que os Direitos Humanos Universais ou Direitos Naturais, quanto os Direitos das constituições nacionais todos possuem uma certa semelhança, verificando que nas constituições a noção de direito limita-se ao próprio país que visa a proteção e privilégio de poder pessoal dados a todos os cidadãos por lei do estado, nas declarações universais procura-se efetivar os direitos fundamentais do homem, na dignidade e valor da pessoa humana a todas as nações. Percebe-se que a questão da moral e da ética é inerente a todas as noções de direito e o núcleo de discussão é a pessoa humana. E na especulação da semelhança Wittgenstein sublinha que:

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços

fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 52).

Nisto, para Wittgenstein a problemática dos Direitos Humanos Universais nos *jogos de linguagem* permanecerá ainda um *jogo de linguagem* dentre os infinitos *jogos de linguagem*. A filosofia nos parece o meio mais condizente para fundamentação dos direitos humanos universais e que por meio dela pode-se elevar estes acima de todos os outros direitos. Para o filósofo: “a filosofia simplesmente coloca as coisas, não elucida nada e não conclui nada. - como tudo fica em aberto, não há nada em elucidar. Pois o que está oculto não nos interessa”. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 67). O que leva a se constatar é que o autor das *Investigações filosóficas* defende a ideia de que a noção referente ao campo da ética, avança contra os limites da linguagem, de modo que não seja possível clarificar os Direitos Humanos Universais, nem fundamentá-los por meios filosóficos e metafísicos, mas apenas descrevê-los nos *jogos de linguagem*.

Em resumo, o problema do transcendente, do inefável e do inverificável foi discutido com veemência por Wittgenstein no *Tractatus* sendo que a conclusão do autor foi que diante do inexprimível deve manter-se em silêncio, o que não significa ignorância, isso porque diante do improvável não se faz provas contrárias e resta apenas o silêncio. Ao contrario do método tractariano nas *Investigações filosóficas* o transcendente é exprimível do mesmo modo que o imanente etc.

Nos jogos de linguagem das *Investigações filosóficas* Wittgenstein utiliza a dimensão pragmática para falar-se de todas as linguagens possíveis, de modo que, uma mesma expressão pode ser utilizada de maneira muito diferente e resultar assumindo significados diferentes. A questão é que na linguagem moral diria serem estas expressões a servir de conduta para a vida do homem, ou de outro modo, ética e moral são “formas de vida” algo intrínseco ao homem e que são *jogos de linguagem*, mas se o próprio ato de mentir é um jogo de linguagem que do mesmo modo que a ética deve ser apreendido, então como resolve a questão dos Direitos Humanos Universais que é denominado um jogo superior a os outros jogos do direito enquanto direito da pessoa humana? Esta questão certamente implica um problema não solucionável nos jogos de linguagem porque primordialmente deve-se admitir os Direitos Humanos Universais como algo unívoco donde de originaria todos os demais direitos civis, isso é o que o filósofo aceita nas *Investigações filosóficas* nenhum jogo superior aos infinitos jogos linguísticos.

CONCLUSÃO

A luz do pensamento de alguns estudiosos do legado filosófico de Wittgenstein pode-se averiguar que seu primeiro trabalho filosófico originou-se sob influência do pensamento de Russell e Frege, e discretamente de Moore. Certamente estes exerceram influência profunda e duradoura sobre Wittgenstein, embora mais tarde este tenha criticado-os e rejeitado suas ideias. O caráter de insatisfação com as idéias de seus contemporâneos de si mesmo mostra ser Wittgenstein um intelectual que buscava acima de tudo a superação e purificação do pensamento sobre a linguagem. Pode-se constatar que sua primeira obra o *Tractatus Lógico-Philosophicus* deu expressão completa ao atomismo lógico pronunciado por Russell, a demolição do idealismo britânico almejado por Moore.

No *Tractatus*, o filósofo compartilha da ideia de que proposições são afigurações da realidade, ou seja, linguagem e pensamento devem necessariamente ser correspondentes com a realidade, e que cada signo corresponde um “pedaço” da realidade. De outro modo, defende no *Tractatus* que há um paralelismo real entre o mundo dos fatos e as estruturas da linguagem. Com essa e outras teses Wittgenstein exerceu grande influência entre seus contemporâneos, por exemplo, o Circulo de Viena onde grupos de estudiosos estudaram incessantemente o *Tractatus* em sua inteireza, e com isso afirmaram que as únicas proposições significativas são as das ciências naturais.

Pela notável contribuição do *Tractatus* Wittgenstein é considerado por alguns estudiosos como o “pai da filosofia da analítica”, considerando que na filosofia analítica não houve unanimidade de pensamento, mas que somente Russell, Moore e Wittgenstein mantiveram em conformidade de pensamento quanto ao método da análise da linguagem. O fato é que se na primeira filosofia de Wittgenstein concebe-se a linguagem como representação das coisas e privilegia-se a linguagem lógica e científica acima de todas as outras. Nas *Investigações filosóficas* o filósofo muda radicalmente esses paradigmas. É importante ressaltar que as reflexões filosóficas de Wittgenstein em ambas as fases de pensamento buscava com veemência o desejo de superação de si mesmo. O que se pode constatar no *Tractatus Lógico-Philosophicus* é que embora o seu trabalho deva as influências de notáveis filósofos contemporâneos nem estes e nem a si mesmo são insetos das críticas elencadas nas *Investigações filosóficas*. Sendo verídico afirmar que no próprio *Tractatus*

Wittgenstein considerara suas especulações mais perfeitas e consistentes que as ideias daqueles que o influenciara.

Devido à constante busca de purificação do próprio pensamento filosófico, pode-se afirmar que a segunda filosofia de Wittgenstein desenvolveu-se a partir de uma reação a anterior. Esta reação dá-se pela insatisfação, ou seja, Wittgenstein considera as teses tractarianas insatisfatórias para elucidar os problemas da linguagem, sendo que desse modo substitui a linguagem lógica pelos *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas*. A questão agora não se debruça sobre uma única forma de jogo, mas em múltiplos *jogos de linguagem*. Os jogos linguísticos para o segundo Wittgenstein se expressam na analogia, comparação e uso da linguagem ordinária. Assim todas as teses tractarianas são criticadas, porque para o filósofo não existe primazia à unicidade lógica da linguagem, mas que existem incontáveis *usos*, que são diferentes do que se chamam de “símbolos”, “palavras”, “frases”, “proposição”. Estes elementos para o autor das investigações funcionam como uma peça de xadrez onde a vitória é determinada pelos vínculos das jogadas sob regras específicas. De outro modo, o filósofo explicita que significados linguísticos são determinados pelas conexões vinculativas nas quais os signos são empregados.

Pode-se concluir afirmando que a noção de vários jogos de linguagem, de vários usos para um mesmo signo não faz de Wittgenstein um relativista, mas provavelmente um naturalista. Mas é importante ressaltar que embora as especulações dos *jogos de linguagem* nas *Investigações filosóficas* tenham dado notável contribuição para a filosofia da linguagem e também tenha em alguns aspectos, superado a filosofia tradicional decisivamente com a virada linguística.

Certamente, a tese dos jogos de linguagem não é a mais perfeita possível, pois no referente a questões transcendentais, a problemática parece à mesma do *Tractatus*, pois, o que se constata é que tudo que se pode especular se reduz aos jogos de linguagem. Mas a questão é que de um modo geral assuntos relacionados à moral, à ética, aos Direitos Humanos ou Direitos Humanos Universais não devem se reduzir à simples *jogos de linguagem*, mas considerá-los de algum modo como *jogo de linguagem universal* ou *jogos transcendentais*. Em suma, questões que perpassam os limites do empírico, do físico e do inverificável não podem ser consideradas meros *jogos de linguagem na concepção wittgensteiniana*. Certamente, essa problemática do transcendente Wittgenstein não parece ter resolvido nos *jogos de linguagem* das *Investigações filosóficas*.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGNOL, Darlei Dalli. *A ética no segundo Wittgenstein vista a partir de loparic: Loparic's Reading Of Ethics In The Ii Wittgenstein*. Disponível em: <ftp://ftp.cle.unicamp.br/pub/kant-e-prints/vol-5-3-2010/2_Derlei_form.pdf>. Acesso em: 22 out.2012
- AGOSTINHO. *Confissões*: São Paulo. Nova cultura. 1996.
- ARAUJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução a filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- AUDI, Robert. *Dicionário de filosofia*: de Cambridge. São Paulo: Paulus, 2006.
- BUCHHOL, Kai. *Compreender Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Vozes. 2008,
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: Assembléia geral das nações unidas em 10 de dezembro de 1948. *Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU, 1948)*.
- DECLARAÇÃO ISLÂMICA UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS 1980. Disponível em: <http:islam.com.br>. Acesso em: 3 out.2012.
- GLOCK, Hons-Johnn. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. São Paulo: Edições Loyola. 2004.
- HILTSCHER, Reinhard. Ludwig Wittgenstein: Philosophische Untersuchungen. Sprachspiele. *Zenit*, Würzburg. 2008. Disponível em < http://www.zenit.org/article-16456?l=german> Acesso em 25. ago.2012
- KENNY, Anthony. *Historia da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates, 1999.
- LOCKE, John. *Dois tratados sobre o governo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Reviravolta lingüística- pragmática na filosofia contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Loiola, 2006..
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Do romantismo até nossos dias*. 8. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- ROVIGHI, Sofia Vanii. *História da filosofia contemporânea: de século XIX a neoescolásticas*.

São Paulo: Loiola, 1999.

SCRUTON, Roger. *Introdução a filosofia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VIANA, Wellistony. *Filosofia dos direitos humanos*. Disponível em <http://www.revistateofilo.rv.com.br> Disponível em: 14. Out.2012

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1999.
(Coleção Os pensadores).